

Manuel Aires de Casal, o beemote de Jó e o registro das ocorrências fossilíferas brasileiras no início do século XIX

Antonio Carlos Sequeira Fernandes*

Felipe Faria†

Miguel Telles Antunes‡

Resumo: As duas últimas décadas do século XVIII e o início do século seguinte foram marcados pelas notícias da existência de gigantescas ossadas de uma fantástica animália que teria habitado as terras de Minas Gerais e do Nordeste do Brasil. Desta última região, duas localidades, Rio de Contas, na Bahia, e Pão de Açúcar, em Alagoas, foram mencionadas por Manuel Aires de Casal em sua obra *Corografia Brasília*, de 1817. Nesta obra, apesar de reunir informações sobre as diversas regiões do Brasil, Aires de Casal não fez referências às ocorrências fossilíferas já documentadas e conhecidas pelas populações locais. Este fato corrobora a sugestão de que Aires de Casal era mais um excelente rebuscador de arquivos e bibliotecas do que um viajante atencioso às riquezas naturais do território brasileiro. Como homem culto, soube tecer considerações sobre as ossadas, interpretando-as como representantes de elefantes extintos que teriam habitado o sertão nordestino.

Palavras-chave: fósseis; megafauna; século XIX

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20940-040. Bolsista de Produtividade do CNPq e Sócio Correspondente Brasileiro da Academia das Ciências de Lisboa. E-mail: fernande@acd.ufrj.br

† Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Florianópolis, SC, CEP 88040-900. E-mail: felipeafaria@uol.com.br

‡ Academia das Ciências de Lisboa. Rua Academia das Ciências, 19, 1249-122, Lisboa, Portugal. CICEGE, Universidade Nova de Lisboa, Campus de Caparica, Lisboa, Portugal. E-mail: migueltellesantunes@gmail.com

Manuel Aires de Casal, the behemoth of Jo and the record of the Brazilian fossil sites at the beginning of the 19th century

Abstract: The last two decades of the 18th century and the beginning of the 19th century were marked by news on the existence of huge bones of fantastic beasts that have inhabited Minas Gerais State and northeastern Brazil. The localities of Rio das Ostras in Bahia State and Pão de Açúcar in Alagoas State were mentioned by Manuel Aires de Casal on his *Corografia Brasílica* (1817). In this work, despite gathering information about many Brazilian regions, Aires de Casal has not referred to fossil findings already reported and known by the local population. This fact shows that Aires de Casal was mainly an outstanding file and libraries investigator instead of a traveler interested on the natural resources of Brazil. As an enlightened man he did some considerations on the bones, which were interpreted as extinct elephants that once inhabited the northeastern Brazilian bushes.

Key-words: fossils; megafauna; 19th century

1 INTRODUÇÃO

O registro documentado de fósseis no território brasileiro somente ocorreu a partir da segunda metade do século XVIII, sendo poucas as referências a possíveis achados antes desse período. Ainda no século do descobrimento, em 1587, Gabriel Soares de Sousa (1540s-1591) referiu-se à presença de recifes na região de Salvador contendo “casas de ostras e de outro marisco” (Sousa, 1938, p. 420), rochas holocênicas hoje conhecidas como *beach-rocks* lavradas para utilização nas construções da cidade, e cujo conteúdo conchífero é por vezes considerado como fossilífero por estar preservado em um corpo lítico. Em 1618, Ambrósio Fernandes Brandão (1555-?), ao comentar a presença de âmbar-gris no litoral do Nordeste (Brandão, 1997, pp. 114-115 e 186), apresentou “o primeiro debate sobre a ocorrência e a origem do âmbar-gris e o âmbar” (Fernandes *et al.*, 2011, p. 173) como produto fossilizado das resinas de gimnospermas e angiospermas. A ausência de informações documentadas sobre o registro fossilífero brasileiro perdurou ainda por mais de um século, em parte pela pouca penetração do interior, como assinalada anteriormente por Frei Vicente do Salvador (1564-1635) em 1627 (Salvador, [1627] 2008, p. 39), e pelo maior interesse na mineração.

Esse jejum de registros documentados somente começou a ser quebrado nas últimas décadas dos setecentos com o encontro de ossadas de grande porte que, por seu tamanho colossal e semelhança às ossadas de elefantes atuais, desconhecidos no território brasileiro, despertaram a curiosidade de naturalistas e autoridades provinciais, que encaminharam alguns dos achados a Portugal, registrados em ofícios que os acompanhavam (Lopes, 2005, pp. 7-8). João Batista de Azevedo Coutinho de Montauray, governador da capitania do Ceará, enviou os ossos encontrados em 1784 na região do vale do Acaraú a Martinho de Mello e Castro (1716-1795), secretário de Estado (ministro) da Marinha e Domínios Ultramarinos do Reino. Em 1785, Luis da Cunha Menezes (?-?), governador da capitania de Minas Gerais, encaminhou também ao Reino as ossadas do gigantesco animal que posteriormente ficou conhecido como o monstro de Prados, coletadas nos arredores da cidade do mesmo nome (Fernandes *et al.*, 2012a, p. 4). Em 1790, o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) referiu-se à descoberta de ossadas no rio Grande, Minas Gerais, ocorridas em 1770 e 1771 nas lavras de ouro que ali ocorriam (Ferreira, [1790] 1972, p. 73; Fernandes *et al.*, 2012a, pp. 2-3). Ao final do século, João da Silva Feijó (1760-1824) registrava também a existência das curiosas petrificações da região do Cariri, no Ceará, documentadas através de ofícios e em suas memórias (Antunes *et al.*, 2005, p. 381; Feijó, 1997, p. 13), além de ossos fossilizados, enquanto Manuel Arruda da Câmara (1752-1810) montava na cidade de Goiana, Pernambuco, um esqueleto de mastodonte procedente do “sertão do Rio Grande” (Mello, 1982, p. 14), posteriormente destruído.

Curiosamente, ao elaborar sua obra em que reuniu informações dos diversos aspectos geográficos, sociais e ocorrências naturais das províncias brasileiras, o padre Manuel Aires de Casal (1754?-1821?) não fez referências às ocorrências fossilíferas citadas anteriormente, embora tenha registrado duas localidades, uma na Bahia e outra em Alagoas, com a presença de fósseis representantes da megafauna pleistocênica do Nordeste (Casal, 1976, pp. 44 e 255). As possíveis razões para este fato, baseadas nas considerações de Caio Prado Júnior (1907-1990), e a análise das considerações de Aires de Casal para as únicas localidades fossilíferas abordadas em sua obra são os objetivos deste trabalho.

2 A MISTERIOSA VIDA DO PADRE MANUEL AIRES DE CASAL

As informações existentes sobre Manuel Aires de Casal são raras, o que levou Caio Prado Júnior a afirmar que “quase tudo a respeito de sua vida são conjecturas e fatos duvidosos” (Prado Júnior, 1945, p. VII; 1955, p. 52). Nascido em Portugal, Aires de Casal era natural de *Pedrogan* ou *Pedregão* (certamente Pedrógão Grande, uma vila portuguesa no Distrito de Leiria), segundo informação de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1827-1903) em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* (Blake, 1883, p. 33) e de Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949) em nota na 3ª edição da *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), segundo Prado Júnior (1945, p. VII e 1955, p. 52). Formado em Teologia e Filosofia, Aires de Casal chegou ao Brasil antes de 1796, vindo a servir como capelão na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e, já em 1815, desempenhou a função de sacerdote na cidade do Crato, na província do Ceará. Em 1821 retirou-se para Portugal com d. João VI, falecendo pouco depois em decorrência de “longos sofrimentos de afecções nervosas” (Blake, 1883, p. 33).

Durante sua permanência no Brasil, Aires de Casal dedicou sua vida ao estudo da geografia e história do país, coroando seu trabalho com a obra *Corografia Brasileira, ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum Presbítero Secular do Gram Priorado do Crato* com Licença e Privilégio Real, primeiro livro publicado no Brasil em dois volumes pela Impressão Régia, em 1817 (Casal, 1817a e 1817b). De acordo com Prado Júnior (1945, pp. VII-VIII; 1955, p. 52), a obra de Aires de Casal “já estava redigida em princípios” de 1816, com a última data citada no texto referente a um Alvará de 05/12/1815 criando as vilas de Maceió e Porto de Pedras, em Alagoas. Esta informação foi confirmada por Camargo & Moraes (1993, p. 182) que comentaram que a “obra foi anunciada, pela primeira vez, na Gazeta do Rio de Janeiro de 26 de julho de 1815”, sendo expedido um Aviso no mesmo ano para sua impressão. Após a publicação da *Corografia Brasileira*, Aires de Casal teria preparado “uma segunda edição ampliada e corrigida da obra, mas os originais se perderam após sua morte” (Camargo & Moraes, 1993, p. 183). Publicações posteriores são conhecidas, principalmente a reimpressão

do Instituto Nacional do Livro, fac-símile da edição de 1817, com introdução de Caio Prado Júnior (Casal, 1945a e 1945b), e a publicada pela Editora da Universidade de São Paulo em colaboração com a Editora Itatiaia, com prefácio de Mário Guimarães Ferri (Casal, 1976). Aires de Casal publicou também em 1821, extraída de sua *Corografia Brasileira* e traduzida para o francês, uma notícia sobre as capitanias do Pará e Solimões no periódico *Nouveaux annales des voyages* (Casal, 1821; Blake, 1883).

Com uma ampla abordagem das diferentes províncias do Brasil, na *Corografia Brasileira* “descrevem-se rios, lagos, montes, cabos, portos, ilhas, animais, minerais e vegetais” com “menções a alguns dos mais importantes acidentes geográficos conhecidos e algumas linhas sobre mineralogia” (Ferri, 1976, p. 9), zoologia e botânica, além de tratar sobre os índios, os negros e a religião. Informações sobre a ocorrência de fósseis, embora limitadas e restritas a somente duas localidades, uma na Bahia e outra em Alagoas, também estão contidas na *Corografia Brasileira*, fazendo com que Aires de Casal se tornasse, após as publicações dos naturalistas Alexandre Rodrigues Ferreira e João da Silva Feijó (Ferreira, 1972; Feijó, 1997), um dos primeiros autores a registrar numa obra a existência de restos da megafauna pleistocênica no território brasileiro.

Em virtude da amplitude e escopo das informações da obra, a análise de seu conteúdo por Caio Prado Júnior levantou considerações sobre a personalidade e a formação cultural de Aires de Casal. Para Prado Júnior (1945, p. IX; 1955, p. 53), Aires de Casal não tinha “vocação ou instinto científico algum”, sendo um “simples colecionador e registrador de fatos”, não se revelando um observador direto. Sobre este aspecto, Prado Júnior ressaltou o desconhecimento de que Aires de Casal tenha realizado viagens destinadas à coleta de dados para a redação de seu livro. Ao contrário dos grandes exploradores que percorreram o país, Aires de Casal teria obtido suas informações “em longo e paciente trabalho de pesquisa em textos escritos” sendo “um incansável rebuscador de bibliotecas e arquivos” (Prado Júnior, 1945, p. IX; 1955, p. 53) como os volumes e documentos da Biblioteca Real.

Aires de Casal utilizou assim um grande número de fontes para escrever sua obra, nem sempre referenciadas na *Corografia Brasileira*, e

entre todas as informações abordadas encontram-se as citações referentes à presença de fósseis, representados pelas grandes ossadas de animais componentes da megafauna que habitou o Nordeste durante a época pleistocênica. Mas, apesar de ávido rebuscador de bibliotecas e arquivos, e dos registros já existentes, Aires de Casal, por desconhecimento ou opção, somente fez referência à presença de fósseis em duas localidades: Rio de Contas, na Bahia, e na serra próxima a Pão de Açúcar, em Alagoas (Casal, 1976, pp. 44 e 255). Mesmo assim, apesar da falta de informações dos registros documentados anteriores, a obra de Aires de Casal serviu de base para compor as primeiras informações sobre fósseis no Brasil elaboradas por Avelino Ignacio de Oliveira (?-?) e Othon Henry Leonardos (1899-1977) em seu histórico das investigações geológicas no território brasileiro, ressaltando a importância de sua menção aos fósseis de Rio de Contas:

Entre os mais antigos fósseis colecionados no Brasil, estão os restos de mamíferos pleistocenos descobertos em escavações para um açude no termo da vila de Minas do Rio de Contas, Baía (*sic*), mencionados na célebre “Geografia Brasília” (*sic*) do padre Manuel Ayres de Casal, datada de 1817. (Oliveira & Leonardos, 1943, p. 6)

As fontes de Aires de Casal, entretanto, permanecem um enigma, já que ele não as cita em sua obra.

A seguir, será discutido o curioso registro dos ossos fossilizados da região de Rio de Contas, sobre os quais Aires de Casal teceu interessantes considerações relacionando-os à passagem bíblica dos beemotes de Jó e às ocorrências e estudos já conhecidos da existência de mastodontes na América do Norte e Europa. Em seguida, é comentada a citação da ocorrência em Pão de Açúcar e a falta de informações de localidades em outros estados, reforçando a observação de Caio Prado Júnior de que Aires de Casal não teria percorrido o território brasileiro para composição de sua obra.

3 SERIA O BEEMOTE DE JÓ?

O conhecimento de ossos fossilizados da região de Rio de Contas como pertencentes a antepassados dos elefantes não era novidade em 1818, quando da passagem dos naturalistas Johann Baptiste von Spix (1781-1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) pela

localidade. Um ano antes, em sua obra, Aires de Casal havia comentado sobre essa existência apresentando uma breve descrição das medidas das ossadas, atribuídas a um “mamute” encontrado em um dos tanques ou cacimbas nas proximidades da “vila”. Suas anotações são dignas de citação e alguns comentários:

Sabemos que antigamente houve neste país uma alimária de desmesurada grandeza; porém ignora-se o seu gênero, e figura, como também a época, e a causa de sua extinção. Morse dá a este quadrúpede o nome de mamute, e diz que os índios da América setentrional pretendem que a sua espécie ainda existe nos bosques, que ficam ao norte dos lagos grandes; mas nenhum homem cordato deve conceber a esperança de ver este animal: porque as relíquias, que mostram a sua antiga existência, em toda a parte atestam uma antiguidade remotíssima. Talvez fosse este quadrúpede o *Behemoth*, de que fala Jó no Cap. XL, v. 10. Quase todos os comentadores deste Sagrado Livro, que se acingem à letra, entendem por *Behemoth* o elefante, por ser o mais volumoso vivente conhecido entre os terrestres. As expressões do Sagrado Escritor designam um animal de extremosa corpulência; e nenhuma, ao que parece, é exclusivamente particular ao elefante. Se este é hoje o chefe dos quadrúpedes pela sua magnífica corpulência, não o era seguramente enquanto vivia aqueloutro, a cujo respeito era menos, do que um carneiro a respeito do mesmo elefante. Se este já era o maior dos quadrúpedes do Mundo Antigo em tempo de Plínio, o *Behemoth* vivia ainda nos dias do Escritor Sagrado./A opinião dos que pretendem que a extinção destes quadrúpedes não deve ser mui remota, pela razão de que os ossos não podem existir enterrados dilatada série de lustros, desvanece-se com a certeza de que quando os europeus se estabeleceram nesta parte do mundo, já entre os muitos indígenas centenários que encontraram, não havia um só, que tivesse lembrança do animal./Também não parece verossímil, que este animal fosse carnívoro, como alguém pensou nas províncias setentrionais. Todos os quadrúpedes volumosos como o elefante, o rinoceronte, o camelo, o boi, o cavalo, são herbívoros./Esta alimária devia ser naturalmente de marcha lenta, imprópria de um caçador ou carnívoro; e de ventre tão capacíssimo, que somente vegetais podiam fazer a sua manutenção. Entre as muitas ossadas, que deste animal se hão encontrado em diversas províncias do Novo Mundo, talvez nenhuma ajuda a formar dele melhor idéia do que a carcassa, que nos fins do século passado descobriram (no termo da vila de Rio de Contas) os alimpadores de um caldeirão de pedra com o intuito de fazer dele

tanque para o gado, como provavelmente fora dos animais selváticos na antiguidade antes de entupido. Essa ossada, consideravelmente danificada, ocupava um espaço de mais de trinta passos de comprimento: as costelas tinham palmo e meio de largura; as canelas eram do comprimento dum homem de mediana estatura; as presas tinham quase uma braça incluindo a raiz: um dente molar já sem raiz pesou quatro libras; para tombar o queixo inferior, foram precisas todas as forças de quatro homens. (Casal, 1817a e 1945a, pp. 76-78; 1976, p. 44)

É interessante ressaltar alguns dos pontos assinalados por Aires de Casal. Primeiro, o fato de reconhecer a antiguidade dos restos ósseos que, embora fosse incapaz de determinar sua idade com os conhecimentos de que dispunha, assinalou serem de época anterior à chegada dos conquistadores e mesmo dos habitantes locais. Como homem culto e voraz pesquisador de bibliotecas e arquivos, Aires de Casal demonstrou conhecer outras ocorrências de fósseis de grandes mamíferos, como as da América do Norte, das quais certamente inteirou-se através da leitura de textos publicados na Europa e na América sobre esses animais na segunda metade do século XVIII. Entre eles não somente se encontra o livro de Jedidiah Morse (1761-1826) (*The American Geography*, de 1789) citado por Aires de Casal, mas certamente também encontra-se a memória que o médico e naturalista francês Louis-Jean-Marie Daubenton (1716-1799) apresentou em 1762, em que discute sobre ossadas fósseis encontradas em território norte-americano no ano de 1739. Daubenton, neste trabalho, da mesma forma que Aires de Casal fez cinquenta e cinco anos mais tarde, tratou de assuntos como a extinção e o grande tamanho deste animal, além de incorrer no equívoco de utilizar a denominação de mamute para o animal (Daubenton, 1764, pp. 206-7, 217-8 e 229). A memória de Daubenton foi apresentada na Academia Real de Ciências da França (*Académie royale des sciences*) e publicada dois anos mais tarde (1764) por aquela academia francesa.

Na memória, Daubenton tratou daqueles ossos que tinham sido coletados no rio Ohio, no estado de Kentucky, em meados de 1739, pelos índios abenakis que compunham a expedição militar comandada por Charles Le Moyne (1626-1685), barão de Longueuil, que os levou para Paris, aonde chegaram ao final de 1740. Os ossos foram então colocados no gabinete de curiosidades do rei Luis XV (1710-

1774) sob a direção do famoso naturalista Georges-Louis Leclerc (1707-1788), conde de Buffon, de quem Daubenton foi assistente (Mayor, 2005, p. 2). Os fósseis, hoje, encontram-se no Museu Nacional de História Natural (*Muséum national d'Histoire Naturelle*) de Paris. A descoberta de 1739 é tida como o nascimento da Paleontologia norte-americana, cuja história foi abordada por autores como Simpson (1942), Semonin (2000), Mayor (2005, pp. 1-25) e Hedeon (2011, pp. 20-82). Em poucos anos, os ossos descritos por Daubenton ficaram famosos na Europa: novas coletas encheram as prateleiras de outras coleções, como os “dentes de elefantes” do rio Ohio, guardados no gabinete real de curiosidades da Torre de Londres. Em 1766, George Morgan (1743-1810), um comerciante da Filadélfia que posteriormente atuou como agente do governo norte-americano junto aos índios durante a guerra revolucionária americana, visitou os depósitos do rio Ohio, coletando os fósseis da localidade que ficou então conhecida como Big Bone Lick, visita que relatou através de correspondência a um certo senhor Morse. Adrienne Mayor (1946-), na obra em que abordou as lendas indígenas sobre os fósseis da América do Norte, comentou que o sr. Morse provavelmente se tratava de Jedidiah Morse, clérigo e geógrafo norte-americano, considerado o pai da Geografia norte-americana e que era simpático às causas dos índios (Mayor, 2005, p. 21). Pode-se inferir, portanto, que foi certamente através dos trabalhos publicados na Europa e através de um ou mais textos publicados por Jedidiah Morse que Aires de Casal teve ciência das ocorrências de antigos elefantes na “América setentrional” e do seu conhecimento entre os índios norte-americanos. Além disso, provavelmente Aires de Casal tenha lido a grande obra de Buffon, o *História Natural* (*Histoire Naturelle*, 1749-1788), onde o naturalista francês havia discutido questões relacionadas a estas ocorrências. Tal probabilidade decorre do fato de que várias questões que Aires de Casal aponta sobre tais ocorrências em sua *Corografia Brasílica* estão presentes também na obra de Buffon, a qual pode ser considerada como uma das mais importantes, e mais lidas, obras sobre história natural do século XVIII, e que de certa maneira ainda estava em voga no começo do século XIX (Rudwick, 2005, p. 53; Caponi, 2010, p. 15), quando Aires de Casal publicou sua obra.

Entretanto, ao referir-se ao “mamute”, nota-se que aparentemente Aires de Casal desconhecia o trabalho do naturalista francês nascido Jean-Léopold Nicolas Frédéric Cuvier (1769-1832), reconhecido durante sua vida como Georges Cuvier - prenome de seu irmão mais velho morto aos dois anos e pelo qual passou a ser chamado por sua mãe, nome que acabou prevalecendo (Taquet, 2006, pp. 22-23; Faria, 2012, p. 57) - com a nova identificação dos ossos provenientes do rio Ohio. A identidade desses fósseis foi muito disputada durante o restante do século XVIII, somente sendo resolvida quando Georges Cuvier finalmente descreveu e designou o gênero *Mastodon* em 1806 (Cuvier, 1806, pp. 271-277 e 280; Rudwick, 1997, pp. 22-23 e 89). Após sua vinda para o Brasil, Aires de Casal teria claramente perdido contato com as últimas novidades científicas produzidas em Paris e que certamente não se encontravam na Biblioteca Real.

Sobre a referência de Aires de Casal ao fato dos índios norte-americanos acreditarem na existência desses animais, isto se devia às lendas nativas, como a dos monstros aquáticos dotados de chifres; assim, os grandes ossos encontrados nos pântanos e rios corresponderiam a uma prova inequívoca de que eles realmente ainda existiam. Embora não conste das anotações de Aires de Casal, outro aspecto relevante diz respeito ao interesse pela coleta e uso dos fósseis pelos brasileiros e nativos norte-americanos. Conforme observação feita por Johann Spix e Carl Martius, no Brasil os sapateiros utilizavam os fósseis no polimento do couro (Spix & Martius, [1828] 1981, p. 128); já na América do Norte evidências históricas indicam que alguns grupos de índios norte-americanos, incluindo os abenquês, coletavam e comercializavam marfim fossilizado já há longo tempo, atividade relacionada com os exploradores e comerciantes europeus no Canadá que procuravam outras fontes de marfim para competir com o comércio russo de marfim dos mamutes siberianos (Mayor, 2005, p. 8).

O cunho religioso com que Aires de Casal tratou a ocorrência, comparando-a com a passagem de Jó nas Sagradas Escrituras, certamente foi fruto de seu sacerdócio com exercício do cargo de capelão na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro e, posteriormente, em 1815, na função de sacerdote no Crato, na província do Ceará. Curiosamente, mesmo tendo permanecido na região do Cariri, na sua obra

não se referiu aos fósseis de peixes preservados nas concreções, dos quais certamente deve ter tido conhecimento, embora tenha registrado a presença de calcário como parte da “mineralogia” da província (Casal, 1817b e 1945b, p. 223; 1976, p. 284).

Aires de Casal não apenas mencionou a presença dos fósseis de mastodontes, mas também teceu breves comentários sobre seus hábitos e dimensões. Reconheceu a natureza herbívora e de lenta locomoção desses animais, como por exemplo Buffon fizera (Buffon 1761, pp. 126-127), e apresentou, de forma muito sintética, uma breve descrição das medidas de alguns dos ossos encontrados, de modo que o leitor pudesse ter uma ideia das dimensões do animal representante daquela fauna hoje extinta. Completando suas observações, Aires de Casal também enfatizou a existência de várias ocorrências das ossadas desses grandes animais pré-históricos na região de Rio de Contas: “Em vários sítios do distrito de Rio de Contas têm-se achado ossos daquela volumosíssima alimária, que já não vivia, quando os conquistadores entraram na província [de Jacobina]” (Casal, 1817b e 1945b, p. 133; 1976, p. 243).

4 AS OSSADAS DE PÃO DE AÇÚCAR

Além de Rio de Contas, Aires de Casal também comentou a presença de ossadas em Pão de Açúcar: “Na falda meridional da serra do Pão de Açúcar há uma lagoa, onde se vêem ossos de desmarcada grandeza” (Casal, 1817b e 1945b, p. 160; 1976, p. 255). A referida serra está relacionada à cidade de Pão de Açúcar, no município de mesmo nome no atual estado das Alagoas, e situada junto à margem esquerda do rio São Francisco; o nome da localidade deve-se à proximidade de uma elevação geográfica, conhecida como morro do Cavalete, o qual lembra uma antiga forma usada no processo de clarificação do açúcar.

Não é possível indicar com exatidão à qual lagoa Aires de Casal se referia, já que a escavação de tanques na região sempre foi uma atividade comum da população local para a acumulação de água visando o enfretamento dos períodos de seca, resultando no encontro das grandes ossadas fossilizadas. Frederico Leopoldo César Burlamaque (1803-1866) assinalou ter visto os “fósseis colossais” na sua infância,

quando atravessou o rio São Francisco por volta de 1811 (Burlamaque, 1855, p. 9).

As ossadas eram, portanto, bem conhecidas na região do rio São Francisco e, particularmente, nas proximidades de Pão de Açúcar, de onde vieram alguns dos fósseis encaminhados ao Museu Nacional no Rio de Janeiro no período em que Burlamaque foi seu diretor, de 1847 a 1866 (Fernandes *et al.*, 2010, p. 245). Pelo menos duas localidades contendo os ossos eram bem conhecidas em Pão de Açúcar, o Tanque Velho e o Tanque dos Elefantes, este também conhecido como Lagoa do Paquiderme (Fernandes *et al.*, 2012b, p. 41), provavelmente a lagoa citada por Aires de Casal. A fonte de sua informação, como de todas as demais constantes de sua obra, é desconhecida.

5 OUTRAS NOTÍCIAS APÓS AIRES DE CASAL

Conforme foi assinalado anteriormente, as ossadas dos grandes animais já eram conhecidas ao menos desde o século XVIII pela população da região de Rio de Contas e pelas populações de outras regiões. Apesar de não reveladas suas fontes, cabe aqui enfatizar a primazia de Aires de Casal na informação, em uma obra impressa no Brasil, da existência de fósseis da megafauna pleistocênica no país. Obras posteriores, como a *Viagem pelo Brasil* de Johann Spix e Carl Martius, fizeram relatos também de outras ocorrências fossilíferas, mencionadas no volume dois, originalmente publicado em 1828 (Spix & Martius, [1828] 1981, pp. 79-80 e 127-128).

É também de 1817 que data outra notícia sobre fósseis no Brasil: a alusão pelo comerciante francês L.-F. de Tollenare sobre a sua presença em uma pedreira de exploração de “calcário” (*sic*) nas proximidades de Olinda, em Pernambuco (Mendes, 1945, p. 141). Natural de Nantes, Louis-François Tollenare, viajando a negócios no Brasil de 1816 a 1818, permaneceu a maior parte de sua estada no país hospedado na cidade do Recife (Melo, 2006). Aos domingos redigia as notas sobre as suas observações descrevendo a historicidade local, os hábitos e costumes do povo, a economia regional e vários aspectos relacionados com a fauna, a flora e a natureza em geral, posteriormente publicadas sob o título *Notas Dominicais*. Como fazia costumeiramente, no domingo de 2 de março de 1817 Louis-François Tollenare fez as seguintes anotações:

A um quarto de légua de Olinda visitei uma pedreira de gesso, explorada a céu aberto. Achei ali alguns cristais medíocres, que não têm mérito algum; mas a presença de alguns restos de fósseis deveria excitar as pesquisas de alguns naturalistas; tirei de lá o fragmento de um fêmur de dimensão tal que não sei a que espécie de animal conhecido o poderei aplicar. Seria de um mastodonte? Se eu houvesse feito uma tal descoberta, ela seria curiosa, porque pouco se conhecem os fósseis da América meridional. (Tollenare, 1904, p. 480)

Não se sabe, na realidade, a que animal poderia ser atribuído o fóssil encontrado por Louis-François Tollenare, mesmo porque não se tem notícias sobre a existência de ossadas da megafauna pleistocênica na região litorânea e da Zona da Mata no estado de Pernambuco. Como homem culto, com conhecimentos de história natural, não é de se estranhar a alusão de Tollenare a um possível fêmur de mastodonte, demonstrando certamente seu conhecimento dos trabalhos de Georges Cuvier. Nota-se, também, que possuía noção da escassez de informações sobre a existência de fósseis na América meridional, particularmente no território brasileiro. Ao contrário das informações dadas por Aires de Casal publicadas em 1817, as “notas dominicais” de Louis-François Tollenare somente vieram a ser conhecidas com a tradução e publicação dos manuscritos em 1904 - portanto, cerca de 90 anos após a primeira documentação publicada pela Imprensa Régia com a notícia da ocorrência de fósseis no Brasil.

6 CONCLUSÃO

A análise das informações sobre as poucas ocorrências fossilíferas no Brasil contidas na obra *Corografia Brasilica* vem corroborar a sugestão de Caio Prado Júnior de que Aires de Casal era mais um excelente rebuscador de arquivos e bibliotecas do que um viajante atencioso às riquezas naturais do território brasileiro. Suas fontes, mesmo que numerosas com relação aos diversos aspectos naturais e sociais abordados em sua obra, foram insuficientes em relação aos registros já conhecidos em localidades de Minas Gerais e do Nordeste, que teriam sido de seu conhecimento se tivesse obtido suas informações através de viagens por essas regiões. Curiosamente, mesmo tendo morado no Ceará no período em que desempenhou a função de sacerdote na cidade do Crato, ignorou a existência dos fósseis de peixes

presentes na chapada vizinha à cidade, bem conhecidos da população local e abordados por João da Silva Feijó no início dos oitocentos. Aires de Casal, como bem sugeriu Caio Prado Júnior, limitou-se a compilar os dados que obtinha nos documentos que examinava.

Como homem culto, soube tecer considerações sobre as ossadas de Rio de Contas, associando-as às ocorrências norte-americanas do rio Ohio e às últimas novidades que dispunha sobre sua interpretação como representantes de elefantes extintos que teriam habitado o sertão nordestino. O trabalho de Georges Cuvier sobre a existência dos mastodontes não lhe passou despercebido, e certamente estava contido nas prateleiras de uma das bibliotecas ou arquivos que consultou.

Mesmo limitado em suas observações sobre as ocorrências paleontológicas já conhecidas quando de sua redação, a *Corografia Brasílica* de Aires de Casal é um importante marco para a paleontologia brasileira por ser a primeira obra publicada no Brasil com informações sobre os restos dos animais que habitaram o país no passado geológico.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Proc. 401762/2010-6/Edital Fortalecimento da Paleontologia Nacional e 301328/2009-9, Bolsa de Produtividade em Pesquisa) pelo auxílio financeiro. À Dra. Deise Dias Rêgo Henriques (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro), pelas críticas e sugestões ao texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Miguel Telles; BALBINO, Ausenda Cáceres & FREITAS, Idalécio. Early (18th century) discovery of Cretaceous fishes from Chapada do Araripe, Ceará, Brazil. Specimens kept at the 'Academia das Ciências de Lisboa' Museum. *Comptes Rendus Palevol*, **4**: 375-384, 2005.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v. 6, 1883.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. 3 ed. Notas de José Antônio Gonsalves de Mello. Recife: Massangana, 1997.

- BUFFON, Georges-Louis Leclerc de. *Histoire naturelle, générale et particulière, avec la description du cabinet du Roi*, Tomo IX. Paris: De l'Imprimerie Royale, 1761.
- BURLAMAQUE, Frederico Leopoldo César. Notícia acerca dos animaes de raças extinctas descobertos em vários pontos do Brasil. *Trabalhos da Sociedade Vellosiana* (Bibliotheca Guanabarensis): 1-16, 1855.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Kosmos Editora, 1993.
- CAPONI, Gustavo. *Breve introducción al pensamiento de Buffon*. México-DF: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia brasileira, ou Relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato*. Tomo I. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817a.
- . *Corografia brasileira, ou Relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato*. Tomo II. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817b.
- . Notice sur les capitainies de Pará et Solimões au Brèsil. *Nouveaux Annales des Voyages, de la Géographie et de l'Histoire*, 9: 209-268, 1821.
- . *Corografia brasilica de Aires de Casal. Fac-símile da edição de 1817*. Introdução de Caio Prado Júnior. Vol. I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945a.
- . *Corografia brasilica de Aires de Casal. Fac-símile da edição de 1817*. Introdução de Caio Prado Júnior. Vol. II. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945b.
- . *Corografia brasilica, ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil [pelo] Pe. Manuel Aires de Casal [1817]*. Prefácio de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- CUVIER, Georges. Sur le grand Mastodonte, animal très-voisin de l'éléphant, mais à mâchelières hérissées de gros tubercules, donc on trouve les os en divers endroits des deux continens, et surtout

- près des bords de l'Ohio, dans l'Amérique Septentrionale, improprement nommé Mammouth par les Anglais et par les habitants des États-Unis. *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle*, **8**: 270-312, 1806.
- DAUBENTON, Louis-Jean-Marie. Mémoire sur des os et des dents remarquables par leur grandeur. *Histoire de l'Académie Royale des Sciences*: 206-229, 1764.
- FARIA, Felipe. *Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à paleontologia*. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia/Editora 34, 2012.
- FEIJÓ, João da Silva. *Memória sobre a Capitania do Ceará e outros trabalhos*. Ed. Fac-símile. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara (Biblioteca Básica Cearense), 1997.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; EWBank, Cecília de Oliveira; SILVA, Marina Jardim; HENRIQUES, Deise Dias Rêgo. Uma lembrança de infância: os “fósseis colossais” e o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque como paleontólogo brasileiro. *Filosofia e História da Biologia*, **5** (2): 239-259, 2010.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; PEREIRA, Ricardo; CARVALHO, Ismar de Souza; AZEVEDO, Débora de Almeida. O âmbar de Ambrósio Fernandes Brandão: um registro equivocados. *Filosofia e História da Biologia*, **6** (2): 173-187, 2011.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; ANTUNES, Miguel Telles; BRANDÃO, José Manuel; RAMOS, Renato Rodriguez Cabral. O Monstro de Prados e Simão Pires Sardinha: considerações sobre o primeiro relatório de registro de um fóssil brasileiro. *Filosofia e História da Biologia*, **7** (1): 1-22, 2012a.
- FERNANDES, Antonio Carlos Sequeira; RAMOS, Renato Rodriguez Cabral; SILVA, Jorge Luiz Lopes da; SILVA, Ana Paula Lopes da. Do Nordeste para o Rio de Janeiro: os tanques das primeiras remessas de fósseis de megafauna enviadas ao Museu Nacional. In: *Boletim de Resumos do VIII Simpósio Brasileiro de Paleontologia de Vertebrados. Paleontologia em Destaque* (Boletim Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia), Edição Especial, p. 41, 2012b.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá* [1790]. Memórias: Zoologia e Botânica. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1972.

- FERRI, Mário Guimarães. Prefácio. Pp. 9-10, in CASAL, Manuel Aires de, *Corografia brasílica, ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil [pelo] Pe. Manuel Aires de Casal [1817]*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- HEDEEN, Stanley. *Big bone lick: the cradle of the American Paleontology*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2011.
- LOPES, Maria Margaret. “Raras petrificações”: registros e considerações sobre os fósseis na América Portuguesa. Pp. 1-17, in: *Actas do Congresso Internacional Atlântico do Antigo Regime: poderes e sociedade*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, 2005.
- MAYOR, Adrienne. *Fossil legends of the first americans*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.
- MELO, J.C. Olinda, segundo um olhar francês. *Revista Eletrônica Cadernos de Olinda*, (2), 2006. Disponível em: <www.iholinda.org/2007/10/15/olinda-segundo-olhar-frances>. Acesso em: 23 setembro 2008.
- MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Manuel Arruda da Câmara: obras reunidas, c. 1752-1811*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.
- MENDES, Josué Camargo. Esboço histórico das pesquisas paleontológicas no Brasil. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Geologia*, **50** (2): 141-161, 1945.
- OLIVEIRA, Avelino Ignacio de; LEONARDOS, Othon Henry. *Geologia do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- PRADO JÚNIOR, Caio. Introdução. Pp. VII-XL. In: *Corografia brasílica de Aires de Casal. Fac símile da edição de 1817*. Tomo I. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.
- . A evolução da Geografia e a posição de Aires de Casal. *Boletim Paulista de Geografia*, **19**: 52-66, 1955.
- RUDWICK, Martin John Spencer. *Georges Cuvier, fossil bones and geological catastrophes*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- . *Bursting the limits of time: the reconstruction of geobistory in the age of revolution*. Chicago: Chicago University Press, 2005.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1500-1627) [1627]*. Curitiba: Juruá, 2008.

- SEMONIN, Paul. *American monster: how the nation's first prehistoric creature became a symbol of national identity*. New York: New York University Press, 2000.
- SIMPSON, George Gaylord. The beginnings of vertebrate paleontology in North America. *Proceedings of the American Philosophical Society*, **86**: 130-188, 1942.
- SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 3 ed. Coleção Brasiliana, vol. 117. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- SPIX, Johann Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820* [1828]. Vol. II. Belo Horizonte: Editora Itatiaia /São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- TAQUET, Philippe. *Georges Cuvier: naissance d'un génie*. Paris: Odile Jacob, 2006.
- TOLLENARE, Louis-François. Notas Dominicães. Tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818. Parte relativa a Pernambuco (conclusão). Tradução do manuscrito por Alfredo de Carvalho. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambuco*, **11** (62): 446-558, 1904.

Data de submissão: 08/04/2013

Aprovado para publicação: 20/07/2013